

JHULLYEM EVENY DE OLIVEIRA SOUZA

**Os sentidos e significados do fracasso escolar no Brasil:
um estudo das publicações acadêmicas no século XXI**

GOIÂNIA

2021

JHULLYEM EVENY DE OLIVEIRA SOUZA

**Os sentidos e significados do fracasso escolar no Brasil:
um estudo das publicações acadêmicas no século XXI**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Frederico Dourado Rodrigues Morais

GOIÂNIA

2021

Dedico este trabalho primeiramente a Deus.

Ao meu pai Sergio Costa, e esposa Aline.

A minha mãe Jane Oliveira.

Aos meus avos Antônio e Sonia, Jose e Maria de Lourdes.

Ao meu esposo Gabryel de Carvalho.

Aos meus irmãos Alanna, Joao Leonardo, José Ignacio e Luizze Vitória.

Aos meus primos Sibelly e Yure.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guiar e ter me dado forças para concluir todo esse trabalho.

Agradeço ao meu pai Sergio, por ter me proporcionado a chance de ingressar em uma universidade, e por sempre acreditar em mim, você é o principal motivo de eu ter me tornado a pessoa que sou hoje.

Agradeço aos meus avós paternos Sônia e Antônio, por sempre me apoiar e torcerem por mim, e por todas as orações para que eu pudesse chegar ao fim desse capítulo da minha história.

Agradeço a minha mãe Jane por seu apoio e torcida por meu crescimento.

Agradeço aos meus avós maternos Maria de Lourdes e Jose, por sempre me apoiar e torcer por mim.

Agradeço ao meu esposo Gabryel por sempre me apoiar e me ajudar a permanecer firme até o fim.

Agradeço ao meu orientador Professor Frederico por toda dedicação e apoio, com certeza todos nossos encontros de orientação, me proporcionou um crescimento enorme como acadêmica e logo pedagoga.

Agradeço também a minhas colegas de sala Aline, Janaina, Sara e Lídia por todas as conversas, momentos de estudos, risadas e apoio, grata a Deus por ter colocado vocês em meu caminho.

A todos os professores que tive contato ao longo desses quatro anos, vocês me proporcionaram conhecimentos enriquecedores, grata por cada momento de aprendizado que me foi repassado, levarei muitas lembranças boas com cada um de vocês com muito amor e carinho.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.” (FREIRE, 1989).

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL SÉCULO 21.....	10
Concepções históricas acerca do fracasso escolar - século 21.....	10
CAPÍTULO II –AS CONCEPÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O DEBATE EDUCACIONAL.....	20
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

RESUMO

Os sentidos e significados do fracasso escolar no Brasil: um estudo das publicações acadêmicas no século XXI

Jhullyem Eveny de Oliveira Souza *

Frederico Dourado Rodrigues Morais **

RESUMO: Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objetivo descrever sobre o fracasso escolar seus conceitos, causas e consequências. Este estudo fundamentou-se em teóricos que estudam sobre esse tema e em artigos científicos que tratam sobre o assunto, desenvolvendo-se assim uma pesquisa descritiva, com análise qualitativa. Os estudos indicam que ainda não se obteve uma resposta concreta sobre o problema fracasso escolar, isto porque lhe são atribuídas várias causas que podem levar um aluno a fracassar em sua vida escolar. Com isso, é notável que ainda será preciso levantar muitas investigações e estudos para que se encontre a solução do fracasso escolar.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Classe social. Escola.

* Aluna do Curso de Pedagogia

** Professor da PUC Goiás, Mestre em Educação, Orientador. fredericomorais@pucgoias.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tem como objetivo analisar Os sentidos e significados do fracasso escolar no Brasil: um estudo das publicações acadêmicas no século XXI. Como problematização foi levantada a seguinte questão: A partir do estudo das concepções teóricas sobre o fracasso escolar, como esses significados construídos historicamente determinam os sentidos que os sujeitos atribuem ao seu fracasso escolar?”

Com base nessa questão, o trabalho aborda concepções e causas atribuídas ao fracasso escolar, apontadas por variados autores que investigam essa problemática ao longo dos anos, em busca de uma solução.

Metodologicamente, optou-se por uma pesquisa bibliográfica que de acordo com Severino (2007):

[...] é uma pesquisa que parte do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores devidamente registrados. (SEVERINO, 2007, p. 90).

Foi levantada uma pesquisa na Biblioteca Eletrônica Científica – Scielo, com objetivo de buscar artigos relacionado ao tema a partir das palavras chaves: fracasso e escola.

O estudo levantado nesse trabalho tem como objetivo identificar os estudos teóricos sobre o fracasso escolar, compreendendo as concepções educacionais que estão vinculadas acerca do tema e apreendendo como os aspectos ideológicos influenciaram os debates sobre o fracasso escolar no Brasil.

O texto foi organizado em dois capítulos intitulados: Estudos e pesquisas sobre o fracasso escolar no Brasil no século XXI; As concepções sobre o fracasso escolar e suas consequências para o debate educacional.

No capítulo I, abordamos um estudo acerca do contexto histórico do fracasso escolar. O problema do fracasso escolar é atribuído a classes sociais, onde um aluno da classe trabalhadora sofre com preconceitos e estereótipos em relação ao desenvolvimento de sua aprendizagem, esses alunos são vistos pela sociedade como deficientes culturais, e por isso não conseguem aprender. Para investigar e encontrar a real causa do fracasso desse aluno, parte-se para o campo da medicina, que tenta

através de avaliações, encontrar um laudo que traga um diagnóstico com o problema da não aprendizagem desse aluno.

No capítulo II, buscamos evidenciar as concepções sobre o fracasso escolar mais presentes no debate educacional. Neste capítulo abordamos a desigualdade e preconceito social existentes entre classes sociais. A divisão de classes na discussão do fracasso escolar, é apontada como uma das principais causas desse problema, isso porque a família da classe dominante é imposta como padrão pela sociedade, pois é considerada culta e desenvolvida cognitivamente. Por sua vez a classe dominada, em virtude de suas origens e condições financeiras, é vista como deficiente cultural, pois não possui acesso à mesma qualidade de vida da classe dominante, sendo assim são atribuídos aos alunos de família carente problemas de aprendizagem o qual ocasionam o fracasso escolar.

CAPÍTULO I - ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL NO SÉCULO 21

Para a escrita do presente trabalho, partimos de uma pesquisa bibliográfica, com uma busca na Biblioteca Eletrônica Científica - Scielo, no intuito de encontrar artigos que tratassem do Fracasso Escolar. Foi estabelecido algumas palavras-chave como parâmetro, “fracasso e escola”. Em um primeiro momento foram selecionados 74 artigos, que com base no referencial teórica do projeto e nos objetivos desse trabalho foram filtrados para 9 artigos.

Os 9 artigos selecionados – Cord *et al* (2015), Pinheiro *et al* (2020), Dazzani (2010), Asbahr e Nascimento (2013), Asbahr e Lopes (2006) Esteban (2007), Viegas (2015), Pozzobon *et al* (2017), Mattos (2005). Foram analisados mediante o uso do roteiro abaixo.

Roteiro para Análise dos Artigos

- Tema;
- Hipótese;
- Conclusões;
- Selecione citações;
- Qual(is) a/as concepções sobre o fracasso escolar?; Causas?;
- Enfoque (Metodológico, Rotina de sala de aula / Social, família, classes / Médica, medicalização).

Nesta parte do trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico sobre os estudos realizados no Brasil, a partir do século XXI, sobre o fracasso escolar, numa tentativa de compreender as concepções que estão presentes nesses trabalhos.

1.1 Análise das produções acadêmicas no Brasil – 2000 a 2020

O fracasso escolar é um problema que vem sendo enfrentado a muito tempo (Patto, 1988), foram feitas muitas mudanças nas políticas educacionais para que esse problema tivesse solução, porém ainda não se obteve resultados positivos. De acordo com os autores Pozzobon *et al* (2017) e Cord *et al* (2020), o problema “fracasso escolar” se dá em decorrência da situação financeira e origem de vida do aluno.

Alunos da classe trabalhadora são conseqüentemente vistos como fracassados pela sociedade, por simplesmente serem pertencentes de uma classe popular trabalhadora.

Para Cord *et al* (2020) o fato de crianças de 6 a 14 anos estarem nas escolas, não garante que ela está aprendendo ou se desenvolvendo, e muito menos se propõe uma oportunidade igual para todos. Esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são considerados alunos problemas pela escola, pois podem ser portadores de distúrbios psicopedagógicos de ordem cognitiva ou comportamental.

De acordo com Esteban (2007) existem reflexões sobre a escola pública que passam por articulações com as classes populares e com a dinâmica de produção de fracasso escolar.

O reconhecimento da escolarização como um direito faz-se acompanhar de políticas públicas que visam à expansão de vagas, no sentido de garantir a presença de todas as crianças na escola, de fomentar a educação de jovens e adultos e de ampliar o acesso aos ensinos médio e superior (ESTEBAN, 2007, pg. 10).

No Brasil, falar de fracasso escolar e exclusão escolar obriga referenciar-se as classes populares. Para Esteban, (2007) os processos implementados na escola pública, dirigem-se a sujeitos de classes populares, pois são esses alunos que ocupam grande parte da escola pública, cujo mesmos vêm sendo excluídos historicamente da educação escolar.

Impossível discutir a escolarização sem nos remetermos a uma longa história de fracassos diversos que, por múltiplos percursos, tem negado aos estudantes a possibilidade de ter a experiência do êxito, numa relação em que a escola se configure como um espaço significativo de ampliação de conhecimentos para todos. (ESTEBAN, 2007, pg. 10).

Para Esteban (2007) para investigar e atuar em escolas públicas, é preciso que haja diálogo com os alunos que fazem parte das camadas populares, que devido à democratização de acesso, a presença dessas crianças traz um ambiente escolar que precisa ser reconfigurado. O cenário escolar passa então a conviver com práticas e saberes desqualificados e com processos e resultados não desejados.

Viver o cotidiano escolar das classes populares é se comprometer com a produção diária do êxito como uma possibilidade real para um segmento historicamente negado, marginalizado, abandonado e fracassado. (ESTEBAN, 2007, pg. 11)

A classe popular é a grande protagonista do fracasso escolar no Brasil, segundo Esteban (2007), isso porque esse problema é designado a filhos de uma

população mais carente e sem acesso à cultura. Pode se observar que nas escolas públicas a grande maioria dos alunos fazem parte de classes populares.

De acordo com Dazzani (2010) o conceito de fracasso e sucesso escolar foi criado socialmente e culturalmente, o fracasso escolar foi ligado a patologia social, sobre a criança que não obtinha sucesso na escola e já era vista como uma pessoa sem futuro e sem preparação para o meio social. Quando a escola não consegue cumprir sua tarefa, quando não há aprendizagem dos alunos, a educação não se realiza. A escola falha em seu desafio educacional. Ainda segundo o autor, o sucesso escolar é ligado a uma realização humana, crianças com nível elevado de aprendizagem seriam bem-sucedidas em sua vida no futuro.

Asbahr e Lopes (2013), trazem uma análise da concepção do fracasso escolar, que se apoiava no preconceito contra pobres e negros recorrentes das teorias raciais do século XIX, onde essa ideia ainda se faz muito presente no dia a dia das escolas, trazidas por professores, pais e alunos.

Para Asbahr e Nascimento (2013), existe uma relação entre aprendizagem e desenvolvimento das funções psíquicas, onde a explicação do fracasso escolar parte da maturação das crianças. O aluno que mostra dificuldade em determinado conteúdo, analisa-se que esse conteúdo se refere a uma função psíquica que não se desenvolveu, ou seja, não amadureceu causando assim seu fracasso escolar. Um simples desenho feito por uma criança pode mostrar se a criança amadureceu ou não. Crianças com dificuldade de aprendizagem e falta de atenção, não desenvolveram suas funções psíquicas e por isto acabam sofrendo com a não-aprendizagem.

O desenvolvimento deve atingir uma determinada etapa, com a conseqüente maturação de determinadas funções, antes de a escola fazer a criança adquirir determinados conhecimentos e hábitos. O curso do desenvolvimento precede sempre o da aprendizagem. A aprendizagem segue o desenvolvimento. Semelhante concepção não permite sequer colocar o problema do papel que podem desempenhar, no desenvolvimento, a aprendizagem e a maturação das funções ativadas no curso da aprendizagem. O desenvolvimento e a maturação dessas funções representam um pressuposto, e não um resultado da aprendizagem (ASBAHR e LOPES apud VYGOTSKY, 2006, p. 4).

Deste modo, a explicação sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento baseadas no conceito de maturação, exposto por Asbahr e Nascimento (2013), expressa a aparência dessa relação e, ao mesmo tempo, uma profunda biologização desses processos. A biologização das explicações sobre o fracasso escolar, incorporada de forma hegemônica no discurso do senso comum,

está presente em diferentes teorias psicológicas sobre o desenvolvimento humano, teorias essas que, em última instância, servem de fundamento para o próprio discurso do senso comum. Ao dizer que determinado aluno é infantil ou imaturo, o professor remete-se a teorias do desenvolvimento infantil estudadas durante seu curso de formação que retratam o desenvolvimento humano como algo maturacional e linear.

Pinheiro et al (2020), destaca em seu texto que no discurso do fracasso escolar se destaca as questões individuais de cada criança, onde não se considera sua origem e história de vida e muito menos as relações da escola com a constituição da família na qual está criança se encontra inserida. Afirmando assim, que a causa para o fracasso dessa criança e o ambiente familiar carente, que não tem pais e mães estudados e preparados para auxiliar essas crianças em atividades escolares e que também não tem uma participação ativa no núcleo escolar. Com essa compreensão percebe-se que a condição de vida dessa criança se mostra mais significativa do que suas dificuldades de aprendizagem. A escola já espera que o aluno tenha habilidades e competências específicas para assim serem inserido na escola, o aluno que não possui esses requisitos são encaminhados para serviços de saúde para que sejam avaliados e recebam um laudo médico que identifique seu “problema”.

As práticas de diagnóstico de alunos encaminhados por escolas públicas situadas em bairros pobres constituem verdadeiros crimes de lesa-cidadania: laudos em um mínimo de bom-senso e de senso de ridículo produzem estigmas e justificam a exclusão escolar de quase todos os examinados, reduzidos a coisas portadoras de defeitos de funcionamento em algum componente da máquina psíquica. (ASBAHR apud PATTO, 2000, p. 67).

Deste modo Pinheiro et al (2020) aponta também que, o discurso do fracasso escolar gira em torno da família e do aluno como maiores causadores desse problema. O aluno não consegue aprender porque a família que está inserido não é favorável ao bom desenvolvimento psíquico e ao sucesso escolar: a família pertence a camada popular, pais sem cultura e violentos e pouca condição financeira, nisso ocasiona a culpabilização individual do aluno, colocado como único culpado por esse problema, enquanto a escola e raramente apontada como também responsável e causadora desse problema.

Pozzobon (2017), traz em sua pesquisa que o fracasso escolar e um termo que foi estabelecido como representante de situações que levam ao fracasso, este mesmo termo e visto pelos alunos como algo ruim e temido onde ocasiona a desmotivação

desses para com estudo. Ainda de acordo com o autor existe a responsabilização do fracasso escolar a partir do aluno, dos pais, da escola e dos fenômenos sociais.

De acordo com Pozzobon (2017), existem três causas de responsabilização do fracasso escolar. Primeiro é a responsabilização do aluno que se alto responsabiliza por seu fracasso, alegando falta de interesse e atenção, não compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula, desistência e evasão escolar. Muitas das vezes esses alunos fracassados se sentem desmotivados e envergonhados ao se compararem com outros alunos que tem uma facilidade maior de aprendizado. Segundo a responsabilização da família, muitos pais afirmam ter dificuldades quanto a educação de seus filhos, e admitem a importância de sua participação na escola, porém também sentem falta de um auxílio vindo da escola para uma melhor orientação quanto ao processo de ensino aprendizagem de seus filhos. Terceiro, quando se trata do sistema escolar, a responsabilização, os professores afirmam que não a valorização de seu trabalho e por isso são desmotivados para prestarem um bom serviço. O fracasso escolar para professores se refere a uma sociedade que não valoriza a educação, e que esse termo generaliza, colocando os alunos iguais uns aos outros, e isso não é verdade, pois entendemos que cada indivíduo tem uma forma de aprender e compreender as coisas, por isso colocar o termo fracasso escolar para alunos com dificuldades de aprendizagem, de certa forma não respeita a individualidade de cada um. Seguindo essa direção, afirmam que o modelo pedagógico inserido nas escolas está ultrapassado e por isso ocasiona-se a uma má direção administrativa e pedagógica tornando a escola reprodutivista e conteudista.

Cord et al (2015), aponta que a criança que está inserida nas camadas populares é automaticamente fracassada na vida escolar, suas famílias não são padronizadas como a estipulada pela sociedade e por isso não agregam saberes e culturas que as fazem se desenvolver cognitivamente agregando-as assim como culpadas por seu fracasso escolar.

[...] há o predomínio de perspectivas psicologizantes e tecnicistas que remetem a uma individualização dos processos, o que facilitaria a medicalização por tornar o fracasso escolar responsabilidade única dos alunos (CORD, 2015, pg. 42).

Para Asbahr e Lopes (2006), o discurso do fracasso escolar gira em torno da família e do aluno como maiores causadores desse problema. O aluno não consegue aprender porque a família que está inserido não é favorável ao bom desenvolvimento

psíquico e ao sucesso escolar: a família pertence a camada popular, pais sem cultura e violento e pouca condição financeira, nisso ocasiona a culpabilização individual do aluno, colocado como único culpado por esse problema, enquanto a escola e raramente apontada como também responsável e causadora desse problema.

A partir da ideia de culpabilização, o aluno é colocado como principal culpado de seu fracasso, e para tentar solucionar esse problema de não aprendizagem, parte-se então para a medicalização, onde o aluno é avaliado por profissionais da saúde, que tentam através de exames, avaliações e laudos conseguir encontrar as causas consequentes do fracasso escolar.

Cord *et al* (2015), aponta que a compreensão do fracasso escolar através da medicalização assemelha-se a teoria da carência cultural, onde os alunos vindos das classes trabalhadoras por decorrência de suas vidas precárias são deficientes de cultura, ou seja, o ambiente familiar carente onde a criança está inserida a impossibilita de ter um bom desempenho na escola.

O aluno é responsabilizado por apresentar problemas psicológicos, biológicos, orgânicos e, mais recentemente, socioculturais. Segundo a autora, essas explicações apresentam um caráter ideológico e evidenciado do preconceito em relação à pobreza no Brasil (CORD *et al*, 2015, p.42).

Com base nos estudos levantados por Cord *et al* (2015), acerca do fracasso escolar, percebemos que a uma ideia de que fatores como pobreza, origem social e falta de cultura dos pais e por não se adequarem ao padrão de família estipulado pela sociedade são obstáculos que dificultam o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, tornando os pais culpados pelas dificuldades de aprendizagem de seus filhos gerando assim o seu fracasso.

De acordo com Cord *et al* (2015), as dificuldades de aprendizagem são transformadas em questões médicas, onde o problema do fracasso escolar e responsabilidade unicamente do aluno, ou seja, esse problema é tratado individualmente. Os alunos das camadas populares automaticamente são culpabilizados por seus problemas de não aprendizagem, responsáveis por seus problemas psicológicos, biológicos e socioculturais, tudo isso é gerado por conta do preconceito existente sobre pessoas pobres e carentes. A partir disso o autor traz uma percepção de que há uma ideia de que fatores como pobreza, origem social e falta de cultura dos pais e por não se adequarem ao padrão de família estipulado pela sociedade são obstáculos que dificultam o desenvolvimento cognitivo e emocional da

criança, tornando os pais culpados pelas dificuldades de aprendizagem de seus filhos gerando assim o seu fracasso.

[...] existe um complexo universo de questões institucionais, políticas, individuais estruturais e de funcionamento presentes na vida escolar que conduzem ao seu fracasso, mantendo altos índices de exclusão, principalmente de crianças e adolescentes de camadas mais pobres de nossa sociedade (CORD *et al*, apud SOUZA, 2015, p. 42)

Para Asbahr e Lopes (2006), a culpabilização sobre a origem e constituição da família expressa o preconceito sobre os pobres, que desde o ano de 1760 início da revolução industrial, passou a ser vista como excluídos moral e física, tornado instrumento de culpabilização das classes por suas condições de vida. “Pois aquele que não se enquadra naquilo que o especialista propõe corre o risco de ver a si mesmo como incompetente, anormal” Asbahr e Lopes (2006). Os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são encaminhados imediatamente pela escola para avaliação psicológica, no anseio de receberem um diagnóstico onde identifique que aquele aluno possui deficiência ou distúrbios psicológicos que precisam de tratamentos. O aluno que não tem capacidade de aprender, são um problema para a escola, que passa a tratá-lo como um mero objeto. A avaliação da criança se limita ao uso de procedimentos técnicos preconceituosos, que desconsidera as condições institucionais onde são produzidas as dificuldades de aprendizagem, não se preocupando de como esse diagnóstico pode marcar a vida dessa criança.

As práticas de diagnóstico de alunos encaminhados por escolas públicas situadas em bairros pobres constituem verdadeiros crimes de lesa-cidadania: laudos em um mínimo de bom-senso e de senso de ridículo produzem estigmas e justificam a exclusão escolar de quase todos os examinados, reduzidos a coisas portadoras de defeitos de funcionamento em algum componente da máquina psíquica. (ASBAHR e LOPES apud PATTO, 2006, p. 67).

Viegas (2015) explica que a Medicalização é a transformação das questões coletivas de ordem social e política em questões individuais biológicas, onde se coloca o aluno no centro do problema. A medicalização do fracasso escolar entende que os problemas de aprendizagem e comportamento se dá de forma individualizante e descontextualizada reproduzindo preconceitos sobre a classe trabalhadora.

A busca por uma causa concreta sobre o problema do fracasso escolar, se torna algo tão desejado, que a procura de uma solução na medicina para esse problema, se torna preocupante, pois alunos são encaminhados para um psicólogo onde passam por avaliações em busca de um laudo esclarecedor do real problema

de aprendizagem, nesse processo de avaliação medica não se considera as dimensões sociais desses alunos, o foco é encontrar um diagnóstico que traga o por que as funções psíquicas desse aluno não funcionam em relação a aprendizagem.

Asbahr e Lopes (2006) explica que, professores, coordenadores e demais profissionais da Escola anseiam por um lugar onde possam encaminhar esses alunos com dificuldades, para que assim recebam um laudo revelador das causas individuais dessas dificuldades. E os “exames psicológicos” quase sempre indicam a presença de deficiências ou distúrbios mentais nos alunos encaminhados, ou seja, são eles os portadores de desajustes, desequilíbrios, deficiências mentais, distúrbios emocionais ou neurológicos, agressividade, hiperatividade, apatia, trauma, disfunção cerebral mínima, complexos e tantos outros estigmas. Assim, são os alunos individualmente que não têm capacidade de aprender, são eles os grandes problemas da escola, reduzidos a meros objetos, independentes das dimensões sociais e políticas das instituições escolares, nas sociedades divididas em classes.

Ainda de acordo com Asbahr e Lopes (2006) os laudos falam, por meio de estereótipos, de crianças abstratas. O avaliador geralmente desconsidera as condições institucionais em que são produzidas as dificuldades de aprendizagem, limitando-se ao uso de procedimentos técnicos de avaliação e de jargões recheados de preconceito acerca da pobreza, não se dando conta de que um laudo pode marcar a vida de uma criança para sempre. O perfil trazido por laudos reduzidos à descrição e/ou quantificação de habilidades mentais do examinando em nada auxiliam a prática pedagógica. Diante deles, os professores continuam sem saber o que fazer ou, pior, podem desistir de ensinar:

Pinheiro et al (2020) também faz um estudo nessa mesma linha de pensamento, o autor coloca que os alunos que demonstram essas dificuldades são chamados de “aluno problema”, ou seja, alunos que tem algum tipo de deficiência, na qual não foi desenvolvida sua cognição, por conta disso esses alunos são encaminhados para um profissional da saúde para que seja feita uma avaliação e assim detectar o real problema de aprendizagem desse aluno, porem esse encaminhamento retira do professor o papel de sua pratica, findando assim que não existe solução para esse aluno problema.

Pinheiro apud Garrido e Moyses (2020, p. 83) contribuem com essa reflexão ao afirmarem que é “cada vez mais aceita no Brasil a ideia de que as dificuldades escolares de uma criança são causadas por problemas de ordem medica”, o que, de certa forma, reforça a concepção de que existem crianças-problema, como citado anteriormente, que devem, portanto, ser encaminhadas para a avaliação e tratamento médico, mais precisamente pelo o neurologista, eximindo, assim, a escola de qualquer responsabilidade pela produção e procura de caminhos para a solução do fracasso escolar. Ou seja, o fracasso torna-se naturalizado, sendo visto a partir de um enfoque biológico, que, como decorrência, deve ser medicado.

Mattos (2005), em sua pesquisa sobre o fracasso escolar, aponta que, na opinião de professores a dificuldade de aprendizagem de seus alunos se origina na incapacidade em construir conhecimentos. Quando o processo de aprendizagem do aluno não é alcançado, percebe-se que esse aluno tem um bloqueio cognitivo que o impede de aprender. O autor aponta também que o tempo de aprendizagem dos alunos são diferentes, cada um tem sua forma e tempo de aprender seja mais rápido ou seja mais demorado. Esses alunos que demoram¹ para aprender não tem seu tempo de aprendizagem respeitado, e são vistos como alunos com bloqueio cognitivo de aprendizagem, com isso são encaminhados pelos professores para profissionais da saúde, para que seja feita uma avaliação médica onde comprove e identifique o problema desse aluno. Conclui-se, que esta forma de avaliação torna os alunos e as alunas com dificuldades educacionais vulneráveis às decisões do Conselho, favorecendo seu fracasso escolar e sua exclusão do meio escolar.

A partir de Viegas (2015), o que se nota em relação ao fracasso escolar é que ainda existe a mesma preocupação econômica na construção de políticas educacionais e a implantação do autoritarismo e políticas de governo, reincide um olhar preconceituoso em relação aos professores, alunos e familiares, ainda se tem os dilemas, dificuldades, queixas no interior da escola e o funcionamento escolar, calcado em tarefas mecânicas e pouco interessantes. Reproduz a culpabilização dos alunos e famílias pelas dificuldades de escolarização, muitas vezes sustentadas em

¹ Mattos (2005) traz em sua pesquisa uma teoria sobre o tempo de aprendizagem de cada aluno, existem alunos que conseguem aprender em um período menor, já outros demoram mais em seu processo de aprendizagem. Essa teoria defende que cada aluno tem um tempo diferente de aprendizagem.

prontuários escolares que repetem o que sempre se diz sobre eles. Persistem os discursos patologizantes do fracasso escolar, que eximem o estado da responsabilidade pelo descaso em que se encontra a educação para as camadas populares.

A partir dos estudos realizados podemos perceber duas concepções que se cruzam no meio do caminho sobre o fracasso escolar, a primeira e a de que, a falta de acesso à cultura das camadas populares, interferem de forma negativa na aprendizagem de alunos que fazem parte dessa classe, para a sociedade esses alunos não estão preparados para a escola, e por isso não conseguem aprender. Já a segunda, parte para a medicina, onde o não desenvolvimento da aprendizagem se torna um problema nas escolas que tentam através de um encaminhamento para psicólogos, descobrir através de um laudo, o porquê o aluno não aprende. No próximo capítulo, nosso intuito é de, a partir do contexto histórico sobre o fracasso escolar, identificar os motivos relacionados a esse problema no Brasil, e assim caracterizar as concepções mais presentes no debate educacional sobre esse problema.

CAPÍTULO II - AS CONCEPÇÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O DEBATE EDUCACIONAL.

A ideia de fracasso escolar tem um histórico antigo, marcado por concepções preconceituosas e estereotipadas. Na maioria das vezes esse problema é relacionado a pobreza onde o baixo desempenho escolar já é visto como natural nas classes menos favorecidas. De acordo com Patto (2015) os sistemas de ensino a partir do século XIX, acreditava em uma divisão social em classes superiores e inferiores que teria como critério a capacidade individual, e é nesse rumo que a psicologia começa a trilhar um caminho para suas explicações a respeito do fracasso escolar. Uma pesquisa histórica aponta que uma política educacional tem início no século XIX e parte de três vertentes de visão do mundo dominante: de um lado a crença no poder da razão e da ciência; de outro o projeto liberal de um mundo onde a igualdade de oportunidades viesse a substituir a indesejável desigualdade baseada na herança familiar; e pôr fim a luta pela consolidação dos estados nacionais meta do nacionalismo. A ideologia nacionalista foi a propulsora de uma política ofensiva de implantação de redes públicas de ensino em partes da Europa e América do Norte nas últimas décadas do século XIX. O problema do fracasso escolar está relacionado ao modo capitalista de enxergar a realidade, e de como as famílias pobres sofriam com a camada dominante. Essa concepção traz questões políticas, e envolve o interesse que as classes dominantes tinham em manipular os problemas escolares.

A classe dominante começou a usar um discurso onde se trazia uma crença que chegaria um tempo que teria sim possibilidade de se existir uma sociedade igualitária e democrática, para isto a constituição iria impor direitos e deveres, e isso daria a cada cidadão a defesa de exigir seus direitos. A alfabetização era indispensável para se conseguir o resultado desejado, e para isso a escola passou a ser vista como instrumento de redenção da sociedade, pois a partir dela os menos favorecidos iriam se tornar sujeitos que reconhecem os seus direitos. Porém essa escolarização dos menos favorecidos era muito mais uma intenção da burguesia, do que uma própria realidade. O real motivo da escola para a classe trabalhadora, era de qualificá-los para o trabalho que movia os setores primários e secundários da economia capitalista. Patto (2015).

Se a precária rede de ensino público fundamental existente nessa primeira metade de século teve alguma função social, esta foi a de preparar esse pequeno contingente de funcionários públicos de médio e baixo escalão requerido pelo desenvolvimento do estado moderno. (PATTO, 2015, p. 46).

A escola, que no início foi implementada como mecanismo de união nacional, e que por isso passou a ser desejada pela classe dominada, que em um certo momento se deu conta da desigualdade, na qual foi imposta pela nova ordem, e tenta então evadir por caminhos da miséria em que se encontrava sua vida. A escola foi usada como tentativa de se libertarem das garras dos dominantes, e assim lutarem de forma coletiva, onde uma minoria se une para levar a consciência da realidade social.

Dizem ao oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível, através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos a aprendizagem escolar. (PATTO, 2015, p. 74).

Patto 1988, estabelece uma relação causal entre influências negativas da cultura de grupo étnicos e sociais e o desempenho escolar, que será a tarefa da “teoria da carência cultural” que foi formulada nos EUA nos anos 60 foi introduzida no Brasil logo na outra década. A teoria da carência cultural, e considerada um dos motivos causadores do problema do fracasso escolar, essa teoria é estabelecida para crianças que são privados de cultura ou tem uma certa deficiência cultural, por conta da precariedade e situação de vida.

Levantar uma discussão sobre o fracasso escolar nos faz ressaltar sobre as classes populares que é a grande protagonista desse problema, isso por que a mesma é vista como inferior à classe média. De acordo com Patto (2015), existe uma crença social, de que as pessoas das classes populares são lesadas e esta crença está fortemente introduzida nas raízes das culturas brasileiras, é que ainda resiste a resultados de pesquisa que a invalidam e a análises críticas da teoria da carência cultural existentes, como também está por baixo de muitas das medidas técnicas administrativas tomadas pelos órgãos oficiais, que visam melhorar a qualidade de ensino. O limite que se conseguiu dessa ruptura, foi sustentar a ideia de que a escola é um lugar inapropriado para crianças carentes, ou seja a escola só está apropriada para receber crianças das classes medias, pois, o uso dos métodos desenvolvidos pela escola para trabalhar com esses alunos das classes favorecidas não se pode ser usado com as crianças carentes por serem “culturalmente deficientes”.

O aluno proveniente, em sua maioria, de ambientes econômica e culturalmente desfavorecidos, que não tem possibilidade de lhe proporcionar a estimulação e o treinamento necessários a um bom desenvolvimento global chega à idade escolar sem condições de cumprir o que a escola exige dele. (PATTO apud POPPOVIC, 2015, p. 135)

No discurso sobre o fracasso escolar, existem varia explicações que tentam trazer uma compreensão sobre a não aprendizagem de muitos alunos. Uma e a teoria da carência cultural ou diferença cultural, ambas afirmam que crianças sem acesso à cultura pré-estabelecidas pela sociedade, desenvolvem dificuldades de aprendizagem.

No fracasso escolar o não desenvolvimento da aprendizagem, além de ser visto como problema das classes populares, e direcionado ao aluno a culpa por seu fracasso, a falta de acesso à cultura impossibilita o aluno de desenvolver sua cognição e aprendizagem. Compreende-se que a criança que está inserida nas camadas populares é automaticamente fracassada na vida escolar, suas famílias não são padronizadas como a estipulada pela sociedade e por isso não agregam saberes e culturas que as fazem se desenvolver cognitivamente associando-as assim como culpadas por seu fracasso escolar.

A privação cultural ou carência cultural significa falta de acesso à cultura. De acordo com Faria (2008), esse termo é imposto de forma negativa para aquele aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem, ou seja, deficiente da cultura pré-estabelecida pela sociedade, como a melhor e mais desejável para todos. Este termo foi redefinido, e passou a ser conhecido, como a expressão marginalização cultural, pois se refere aquele que é excluído ou está distante da cultura em que está inserido, alheio das crenças, costumes e tradições culturais do seu meio social.

O processo de marginalização cultural, e aquele no qual o indivíduo ou grupo social é colocado em uma posição inferior daquela estabelecida pela sociedade. Isso ocorre por conta das condições socioeconômicas e origem social, que consequentemente excluem esses indivíduos da sociedade. Os principais fatores e a pobreza, a precarização do trabalho e a falta de vínculos sociais. A marginalização cultural está relacionada a exclusão social, cultural, política e econômica. Os indivíduos marginalizados sofrem com as desigualdades sociais, e são deixados de lado pela sociedade que não os garantem acesso a uma boa qualidade de vida.

Mesmo no campo dos estudos críticos que se opõem a ênfase as práticas pedagógicas, a concepção abstrata de indivíduo e as determinações culturais

como definidoras do fracasso escolar das crianças da classe trabalhadora, esses estudos acabam convergindo no essencial com proposições das teses da marginalidade cultural em sua abordagem propositiva. (FARIA, 2008, p. 61)

O aluno proveniente das camadas populares sofre as consequências pelas quais a desigualdade social e o preconceito são impostos. O fato desse aluno não aprender e relacionado a sua condição precária de vida, com pais que não concluíram nem o ensino fundamental, e que muitas vezes sofrem com necessidades básicas para uma qualidade melhor de vida, característica essa pertencente ao modo capitalista de excluir os menos favorecidos.

Existe uma crença, de que crianças pobres, não possuem capacidade de aprender e por isso fracassam, essas crianças são consideradas lesadas a partir do ponto de vista de não desenvolverem habilidades de percepção, motoras, cognitivas e intelectuais, um exemplo seria o tempo de aprendizagem de uma criança carente que é mais lento, do que o das crianças de classe média, surgindo partir disso uma afirmação de que a escola é inadequada para crianças pobres, e por isso estaria falhando no âmbito de ensinar a essas crianças os mesmos conteúdos que são passados para as crianças das classes favorecidas.

A única crítica que fazia a participação da escola na produção de alta incidência de fracasso escolar entre crianças pobres era a de que as atividades nela desenvolvidas eram carregadas de padrões culturais estranhos e não satisfatórios para a subcultura a que se destinam, ou seja, defendia-se a ideia de que, por não considerar a realidade sociopsicológica do aluno marginalizado culturalmente, a escola não poderia eximir-se de certa responsabilidade por esse fracasso. (PATTO apud POPPOVIC, 2015, p. 135).

O problema fracasso escolar, não está totalizado, na condição do aluno não aprender, mas também em sua aprendizagem cultural que não está conjunta com o saber cultural socialmente valorizado. O aluno sem acesso à cultura encontra dificuldades para aprender, pois ter cultura e visto como algo libertador, o indivíduo com cultura se torna respeitado e superior a aqueles que não as possuem, já os que lhes faltam esse privilégio consequentemente são vistos como inferiores e ausentes de conhecimento e prestígio. Assim, portanto, identificamos que a camada dominante privilegiadas são consideradas cultas pois possuem acesso à cultura, já as camadas populares são consideradas incultas, pois não possuem acesso à cultura.

Para explicar esse problema, segundo Patto (2015), muitos autores levaram para o campo da medicina as causas e consequências e assim relacionaram as dificuldades de aprendizagem em questões médicas onde unicamente o aluno e

responsável por seu fracasso. Os alunos das camadas populares são culpabilizados por seus problemas de não aprendizagem, responsáveis por seus problemas psicológicos, biológicos e socioculturais.

A compreensão do fracasso escolar através da medicalização assemelha-se a teoria da carência cultural, onde os alunos vindos das classes trabalhadoras por decorrência de suas vidas precárias os fazem deficientes de cultura, ou seja, o ambiente familiar carente onde a criança está inserida o impossibilita de ter um bom desempenho na escola. (Pinheiro et al, 2020, p. 67)

Tratar o fracasso escolar como um problema médico, é transformar questões sócias e políticas em questões médicas, onde o intuito é encontrar uma solução para esses problemas através de avaliações psíquicas, que tragam resultados positivos para algum transtorno ou deficiência que a criança possa ter em relação a não aprendizagem. O discurso do fracasso escolar gira em torno da família e do aluno como maiores causadores desse problema. O aluno não consegue aprender porquê a família que está inserido não está dentro do padrão de família estabelecido pela sociedade, e por isso, não consegue alcançar um bom desenvolvimento psíquico e assim direciona-lo ao sucesso escolar: a família pertence a camada popular, pais sem cultura e pouca condição financeira, nisso ocasiona a culpabilização individual do aluno, colocando-o como único culpado por esse problema, enquanto a escola e raramente apontada como também responsável e causadora desse problema. (CORD et al, 2015, p. 43)

Percebe-se que a condição de vida dessa criança se mostra mais significativa do que suas dificuldades de aprendizagem. A escola já espera que o aluno tenha habilidades e competências específicas para assim serem inserido na escola, o aluno que não possui esses requisitos são encaminhados para serviços de saúde para que sejam avaliados e recebam um laudo médico que identifique seu problema.

A partir dos estudos levantados sobre o fracasso escolar percebe-se que existe um discurso apoiado na divisão de classes, onde a classe média é considerada pela sociedade modelo padrão para todos. Os alunos pertencentes dessa classe, são considerados aptos para o sistema escolar, afinal o sistema é pensado para eles.

A crença na divisão de classes entre superiores e inferiores, nos leva a fazer uma análise da desigualdade social existentes na escola, a falta de compreensão da

escola com alunos da classe inferior, só faz com que o fracasso escolar ganhe mais dimensões, isso porque a escola não considera as origens e situação de vida dos alunos, e acaba culpabilizando o por seu fracasso, tentando a qualquer custo diagnosticar esses alunos com algum problema psicológico. O aluno muitas das vezes se sente incapaz, pois a escola que deveria acreditar em seu potencial, os desmotiva e os culpa por sua incapacidade de aprender.

As diferenças culturais eram atribuídas as “diferentes condições de vida” das classes que então se acreditava constituírem os polos da dominação – a classe média e as classes populares. Diferentes condições de vida as levariam a “posturas e valores diferentes, embora pertencendo ao mesmo contexto urbano”. (PATTO, 2015, p. 137)

A classe superior por ter acesso a cultura e a uma vida de qualidade é respeitada e privilegiada, a escola mostra-se interessada em ensinar esses alunos.

[...] as crianças marginalizadas apresentam diferenças em relação as de classes sociais, caberia a escola adotar as práticas pedagógicas adequadas a tais crianças, abandonando o ensino predominante verbal e conceitual. “Pode-se afirmar com bastante segurança que assim como o aluno culturalmente marginalizado não está preparado para a escola existente, também a escola não está preparada para atender esse aluno”. (FARIA apud POPPOVIC, CRUZ, ESPÓSITO, 2008, p. 46)

A análise realizada sobre fracasso escolar, nos permite fazer algumas conclusões, como a de que, os alunos da classe inferior não são totalmente privados de cultura, não chegam à escola inaptos ou deficientes dela, eles possuem sim cultura, seja regional ou pertencentes de seu grupo familiar, pode ser que esse aluno não tenha acesso a cultura científica, porém se espera que esse conhecimento deva ser repassado pela escola, ao contrário da teoria da carência cultural, a meu ver o aluno chega à escola com alguns conhecimentos e valores, e lá na escola através de conhecimentos passados por professores e trocas de experiências e vivências com outros alunos, vai se agregando das várias outras culturas existentes no meio social escolar.

Sobre as causas desse problema, percebo que a causa do fracasso escolar, pode estar relacionado ao tempo de aprendizagem de cada aluno, existem tempos diferentes de aprendizagem entre os alunos, ou seja, cada um tem o seu momento de apreender, seja em um período curto ou maior de tempo, todos tem a possibilidade de desenvolver a aprendizagem, a não ser aqueles que já chegam na escola com um laudo onde apresentam alguma dificuldade cognitiva de aprendizagem, diagnosticado por profissionais da saúde, porém não nos cabe fazer a discussão nesse momento.

Existem tempos diferentes de aprendizagem entre os alunos, e isso não pode ser relacionado a posição social desse aluno, pois como dito anteriormente todos fazem parte de uma cultura, e não podemos desconsiderar aqueles alunos que não possuem cultura científica, afinal isso deverá ser proporcionado na escola através de trocas de experiências e conhecimentos repassados de professores para seus alunos.

Uma vez compreendido que as crianças marginalizadas eram pobres culturalmente em relação a criança de classe média, por não viajar, não conhecer museus, não relacionar-se democraticamente com os familiares, por seus erros de linguagem e de raciocínio não serem corrigidos, por não lhes ser exigido o planejamento de atividades diárias e tampouco aprendizagens abstratas como as de ordenar e classificar, por não lhes serem dados incentivos para adiar realizações visando recompensas mais valiosas, dentre outros aspectos, a questão seria propiciar na escola as experiências que compensassem a pobreza de seu background familiar ou de seu currículo oculto. (FARIA, 2008, p. 46)

As características do sistema capitalista se fazem muito presentes no discurso do fracasso escolar, suas implicações nas análises dos discursos desse problema, nos faz perceber que o fracasso escolar se inicia em primeiro lugar na divisão social de classes, e assim afeta de forma negativa os indivíduos pertencentes a esta classe.

Dentro do debate sobre o fracasso escolar, faz-se necessário considerar o quanto a sociedade capitalista é desigual e excludente, o intuito do capitalismo é de privilegiar os ricos e menosprezar os mais pobres, a classe trabalhadora é apontada por ocasionar o fracasso escolar, pois de acordo com a sociedade a mesma não está apta para desenvolver aprendizagem, pois não seguiu os padrões de vida estabelecidos pela sociedade.

CONCLUSÃO

Antes de ingressar no curso de pedagogia não conhecia o termo fracasso escolar, meu primeiro contato com esse tema foi na disciplina de Psicologia da Educação no 4º período, fiquei impactada e curiosa para saber mais desse problema, porém tivemos um curto prazo de estudos sobre esse tema, e foi a partir daí que decidi que meu trabalho de conclusão de curso teria o fracasso escolar como tema.

Minhas concepções sobre o fracasso escolar, eram vagas e não se baseavam em nenhuma teoria, na verdade eu sabia bem pouco do tema, mas apesar de tudo acreditava que o aluno fracassava na vida escolar por falta de interesse ou por problemas financeiros, porém lá no fundo eu sentia que não era só isso e que precisava investigar mais a fundo sobre esse problema. Levantar-se um estudo sobre o fracasso escolar é uma tarefa bastante difícil, pois se trata de um tema complexo, muitas são as causas atribuídas a esse problema, existem também muitas formas de tentar solucionar esse problema, porém até hoje não se tem uma solução afirmativa que coloque um fim nesse problema.

Para entender melhor sobre o fracasso escolar, foi feita uma pesquisa histórica do início da discussão desse problema até os dias atuais, isso porque era preciso entender como essa discussão vinha se desdobrando durante esses longos anos de investigação.

Investigar sobre as discussões do fracasso escolar, me possibilitou conhecer as concepções que são atribuídas a esse problema, desde o início de sua discussão. O fracasso escolar está relacionado à divisão de classes sociais onde os dominantes são referência de família padrão que deve constituir a sociedade, são vistos como cultos e não apresentam dificuldades de aprendizagem. Já os dominados são sinônimos de fracasso, incultos e não seguem os padrões estabelecidos pela sociedade. Fica nítido que as características da sociedade capitalista implicam fortemente no fracasso escolar, pois está se tratando de uma sociedade nada justa, que excluem aqueles que estão fora de seus padrões de sociedade, se importando apenas com o trabalho de mão de obra barata dos dominados.

A classe trabalhadora sofre com o preconceito que lhe é direcionado, e por terem uma vida de situação precária, onde lhes faltam acesso a uma vida de qualidade e onde também são retirados o poder de exercer seus direitos, acabam sofrendo as

consequências, e aí que o fracasso escolar entra pois a classe trabalhadora por conta de suas condições de vida, já as atribuem que não são capazes de desenvolver a aprendizagem, que são inaptos de cultura, e que por isso já são destinadas a fracassar na vida escolar.

Considerando todo o estudo levantado acerca do fracasso escolar, fica visível que o preconceito vivido pelas classes trabalhadoras, é um dos intuitos do capitalismo, oprimir aqueles indivíduos vulneráveis, e assim poder lucrar com essa opressão, e assim privilegiar a minoria, deixando de lado e retirando os direitos como cidadão da maioria.

O debate sobre o fracasso escolar é bem complexo, e por isso, ainda fica algumas dúvidas e incertezas sobre o que realmente leva um aluno a fracassar em sua vida escolar, e certo de que já existem vários estudos que abordam causas diferentes, mas que partem do mesmo início, o preconceito e desigualdade social, porém, sinto que é preciso buscar e investigar mais a fundo sobre esse problema tão enigmático, que ainda se faz presente na atualidade.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; LOPES, Juliana Silva. "A culpa é sua". **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 53-73, mar. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 mar. 2021.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; NASCIMENTO, Carolina Pichetti. Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 414-427, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000200012&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 03 abr. 2021.

CORD, Denise et al. As Significações de Profissionais que Atuam no Programa Saúde na Escola (PSE) Acerca das Dificuldades de Aprendizagem: Patologização e Medicalização do Fracasso Escolar. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 40-53, mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000100040&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 21 abr. 2021.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado. A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica. **Psicol. Cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 362-375, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 abr. 2021.

ESTEBAN, Maria Teresa. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 9-17, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 abr. 2021.

FARIA, Gina Glaydes Guimarães de. The cycles of educational failure: concepts and propositions. 2008. 152 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

Freire, Paulo. A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1988.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, ago. 2005. Avaliável em forma <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022005000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 abr. 2021.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia** (4ª ed.). São Paulo. Editora Intermeios: casa de artes e livros. Setembro, 2015.

PATTO, M. H. S. **O fracasso escolar como objeto de estudo**: anotações sobre as características de um discurso. *Cad. Pesq.*, São Paulo (65): 72 – 77, maio de 1988.

PINHEIRO, Silvia Nara Siqueira et al. Fracasso escolar: naturalização ou construção histórico-cultural? **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 82-90, abr. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922020000100082&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 abr. 2021. Epub 09-Abr-2020.

POZZOBON, Magda; MAHENDRA, Férita; MARIN, Ângela Helena. Renomeando o fracasso escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 387-396, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000300387&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 08 abr. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24^a ed. revista e atualizada- São Paulo. Editora Cortez, 2007. P. 86 a 93.

VIEGAS, Lygia de Sousa. Progressão Continuada e Patologização da Educação: um debate necessário. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 153-161, abr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000100153&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 abr. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191815>.